

Governo estuda medidas de comércio exterior

Claudia Safatle

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse ontem que o governo prepara um Programa de Aceleração das Exportações (PAE), que terá como ponto de partida a nova política industrial, mas não se restringirá a ela. Mantega negou, em conversa com o Valor, ontem, que esteja nas considerações da área econômica uma mudança do regime de taxa de câmbio flutuante em direção a um regime de metas para câmbio. "Isso é um total disparate. Nós não fizemos essa proposta, que conflita com o regime de metas para a inflação, que é um sistema muito bom, muito eficiente, que está funcionando no Brasil e estamos conseguindo cumprir as metas." A seguir, as principais considerações do ministro:

Valor: O governo pensa adotar um sistema de metas para a taxa de câmbio?

Guido Mantega: Essas idéias que estão circulando, de que nós estaríamos pensando em adotar um regime de metas para o câmbio, são totalmente equivocadas. Estou lhe dizendo que é um total disparate. Nós não fizemos essa proposta e ela conflita com o regime de metas para a inflação, que é um sistema bem-sucedido. Não há nenhuma razão para substituí-lo. O sistema que nós adotamos é o de metas de inflação com câmbio flutuante. Adotar o sistema de meta cambial é renunciar ao câmbio flutuante, que dá um bom resultado para o país. O Brasil já adotou um sistema de câmbio fixo, que é praticamente a mesma coisa que ter meta, e foi um total fracasso nos anos 90. Então, não há nenhum sentido, nenhuma intenção, nenhuma proposta, muito menos feita pelo Ministério da Fazenda, de adotar o sistema de meta cambial. Não se muda o que está dando resultado.

Valor: O sr. admite a possibilidade de, mantendo o câmbio flutuante, operar com um piso?

Mantega: Não tem piso, não tem teto. É câmbio flutuante. Se tiver piso ou teto dá na mesma, é sistema de meta. Ou é um ou outro. Em relação ao câmbio, o que fizemos nos últimos anos foram algumas medidas para atenuar as valorizações excessivas, como, por exemplo comprar mais reservas, reduzir a rentabilidade com a introdução do IOF na entrada de capitais externos, que é uma medida bastante moderada. Mas fora isso sou partidário do câmbio flutuante. O câmbio flutuante é uma defesa da economia, evita, por exemplo, um ataque cambial especulativo. Há uma série de vantagens em relação ao câmbio fixo ou coisa parecida. Num sistema de metas de câmbio você vai botar o sistema financeiro para testar. Mudar seria ruim, seria negativo, seria mudar um sistema que está funcionando por outro que é uma aventura. Não temos essa proposta.

Valor: Não dá para o câmbio ser flutuante até determinado piso?

Mantega: Não. Não dá. O que você pode é preocupar-se com a valorização excessiva, atenuar isso, coisa que temos feito nos últimos dois a três anos.

Valor: Operar com um piso, ainda que informal, demandaria ter juros internos alinhados com os juros externos, que não temos?

Mantega: Os juros aqui têm a função de controlar a inflação. Você não pode olhar para as duas coisas. O Banco Central só pode olhar para a inflação e cumprir as metas de inflação. O BC, quando toma decisão sobre juros, não pode se preocupar se isso vai valorizar ou desvalorizar o câmbio. A decisão tem que ser pautada pela inflação, se vai manter a inflação no rumo ou não, e o impacto que houver no câmbio não é problema dele.

Valor: O sr. mencionou recentemente preferência pelo modelo asiático, que é fortemente exportador. Para essa opção não seria necessário ter um câmbio mais competitivo?

Mantega: A nossa opção é pelo modelo asiático no sentido de manter permanentemente o estímulo à ampliação do comércio exterior. Isso não significa que vamos usar os mesmos instrumentos dos países asiáticos. Não podemos usar o que é usado na China, uma política de câmbio quase fixo, porque a China tem uma economia diferente da nossa, e tem cacife para

bancar, porque eles têm US\$ 1,5 trilhão de reservas. Nossa opção é pela estratégia asiática, no sentido de estimular o setor exportador, e acho que agora é preciso um novo impulso nesse sentido. Nós cumprimos uma primeira etapa com resultado a contento, demos uma virada de 2003 para cá, e agora está na hora de dar novo impulso, fazer um programa de aceleração das exportações.

Valor: E um programa de aceleração das exportações prescindiria de qualquer mexida na área cambial?

Mantega: Nós fizemos, há três semanas, a medida do IOF.

Valor: Ministro, há excesso de demanda suficiente para preocupar o governo?

Mantega: Demanda aquecida é motivo de satisfação, de contentamento. Você tem que ficar triste quando não tem demanda, porque aí a economia não cresce. Outra pergunta é se essa demanda é saudável, se é criada artificialmente, ou se ela vem do aumento do emprego, da massa salarial, da renda. A demanda é uma consequência do investimento, do consumo, e da demanda do governo. No nosso caso, tenho verificado, olhando com microscópio vários setores da economia, que estamos respondendo à altura dos desafios colocados pela demanda. A economia brasileira está aumentando a oferta e não está aumentando os preços. Os preços aumentaram na área dos alimentos, nas commodities, e muito pouco em serviços. Em 2007, os alimentos subiram 10%, liderados pelo feijão, o leite. Estamos inclusive vendo medidas para aumentar a oferta desses produtos. O setor de automóveis está vendendo mais, atendendo à demanda e subindo preços menos do que a média inflacionária.

Valor: O excesso de demanda bate, inevitavelmente, no déficit em conta corrente do balanço de pagamentos...

Mantega: Nos dizíamos que uma maneira de atenuar a valorização da taxa de câmbio é aumentar as importações e ter um superávit comercial menor. Isso tem que ir até certo ponto. Não é desejável que se caminhe para um saldo comercial apertado ou um déficit em transações correntes grande. Isso não é desejável e não permitiremos. Por isso a necessidade de fazermos o programa de aceleração das exportações que estamos preparando.

Leia mais: Estratégia é obter 'consenso' para mudança de política

Cristiano Romero

A estratégia da equipe econômica liderada pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, é construir um "consenso" dentro do governo: o de que, mantidos os pressupostos da atual política econômica, o país caminhará, nos próximos anos, para uma crise no balanço de pagamentos, seguida de descontrole inflacionário e aperto monetário. Fontes do primeiro escalão ouvidas pelo Valor confirmam que o ministro e sua equipe vêm trabalhando, há cerca de um mês, na mudança "gradual" dessa política, com o suposto objetivo de impedir que a crise prenunciada aconteça.

A principal preocupação é com a valorização do real, que estaria estimulando importações, diminuindo a competitividade das exportações e forjando o reaparecimento de déficits nas contas externas. A solução, na avaliação da equipe de Mantega, passa pela desvalorização do real, apoio às exportações, a redução da taxa básica de juros e aumento do esforço fiscal.

Em menos de 30 dias, desde o início do debate sobre ajustes na atual política econômica, o Ministério da Fazenda adotou medidas para conter a apreciação do real - o fim da cobertura cambial e a taxação, com 1,5% do IOF, da entrada de capital estrangeiro para renda fixa -, começou a preparar iniciativas de apoio à exportação e defendeu o aumento do esforço fiscal. Com o objetivo de evitar provável elevação dos juros, Mantega chegou a anunciar, também, que o governo adotaria medidas de contenção do crédito, mas foi desautorizado pelo Planalto.

A Fazenda partiu para a ofensiva de construção de um consenso justamente porque está tendo dificuldades de fazer valer algumas de suas propostas dentro do governo. Lula resiste a

mudanças numa política que, na sua avaliação, está dando certo. Foi por essa razão que Mantega recorreu à ajuda de dois conselheiros informais do presidente Lula e críticos contumazes da política monetária do BC - o ex-ministro Delfim Netto e o professor Luiz Gonzaga Belluzzo -, para testemunhar sobre os "riscos" que o câmbio apreciado traria ao país.

No encontro que reuniu, no Planalto, Delfim, Belluzzo, Mantega, o senador Aloísio Mercadante (PT-SP) e o presidente do BC, Henrique Meirelles, os dois convidados falaram "sobre a tragédia que é o câmbio apreciado". O quadro pintado previa o derretimento do dólar, provocado pela crise americana lá fora e a taxa Selic no Brasil, a acumulação acelerada de déficits em conta corrente, seguida de crise de confiança, desvalorização do real, explosão inflacionária, elevação dos juros e, conseqüentemente, desaceleração do PIB.

Uma das possibilidades vislumbradas pela equipe econômica, e reconfirmadas pelo Valor, é trabalhar com um sistema de metas cambiais, mas sem explicitá-lo. Na prática, o governo já está atuando nessa direção ao tentar, com o IOF sobre investimentos de estrangeiros em renda fixa, controlar a entrada de capital. Quando a medida foi anunciada, Mantega disse que se tratava de "uma atitude do governo", que poderá, segundo ele, aumentar a alíquota do IOF e que, de agora em diante, não permitirá a ocorrência de déficits em conta corrente. No mesmo dia, revelou que o modelo a ser perseguido é o de países asiáticos, onde as moedas são mantidas desvalorizadas para estimular as exportações.

O ex-ministro Delfim Netto disse que, na reunião do Planalto, não se tratou da mudança do regime cambial, mas da adoção de medidas para conter a apreciação do real e de uma política industrial exportadora. Ele disse que é contra a adoção de metas cambiais. "O governo está numa armadilha", afirmou o ex-ministro, referindo-se à situação atual.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 4, 5 e 6 abr. 2008, Brasil, p. A3

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais